A REPRESENTAÇÃO DA VIÚVA EM DOIS ROMANCES MACHADIANOS[1]

Janayara Araújo Lima[2]

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo fazer uma abordagem do papel que a viúva representa em diferentes épocas da sociedade brasileira, conforme análise a partir do estudo do primeiro e do último romance de Machado de Assis. Nesta análise, apresenta-se a diversidade de representação dessa personagem e qual sua inserção na sociedade brasileira do século XIX, ressaltando a ascensão social e moral desta figura ao longo das obras do autor.
Palavras-chave: viúva, sociedade brasileira, ascensão.

Abstract: The present work aims at analyzing the role the widow has in Brazilian society at different times. The analysis is based on the study of the first and the last novel by Machado de Assis. In this analysis, it is presented the diversity of that character's representation and their role in the Brazilian society of the nineteenth century, emphasizing the social and moral ascension of this figure along with the author's works.
Key-words: widow, Brazilian society, ascension.

1. Introdução

Dentre os vários aspectos perceptíveis em sua obra, Machado de Assis se destacou por abordar os sentimentos e a situação das mulheres no Brasil do século XIX (Caldwell, 2002; Stein, 1984). Nesse sentido, deve-se destacar que as obras machadianas não são documentos históricos, ou seja, não representam a cópia fiel da realidade. Como veremos, de acordo com a ideia defendida por Antonio Candido em *Literatura e Sociedade* (2006), podemos dizer que a literatura não traduz fielmente um momento histórico, mas se trata de uma representação da realidade social.

Machado de Assis apresentou ao leitor a situação das mulheres frente às limitações a elas impostas na sociedade brasileira da segunda metade do século XIX: dominada pelo patriarcalismo, marcada pelo aviltante regime escravocrata e tentando viver

[1] Artigo desenvolvido como requisito parcial e obrigatório para obtenção do grau de Licenciado em Letras, sob orientação do professor Dr. Marcos Vinícius Scheffel, a ser defendido como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sob a coordenação da professora Elis Regina, do Curso de Letras do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente da Universidade Federal do Amazonas.
[2] Acadêmica finalista do curso de Letras: Línguas e Literatura Portuguesa e Língua Literatura Inglesa, do IEAA/ UFAM.

de acordo com os ideais burgueses, ou seja, uma sociedade marcada por um discurso liberal (burguês) e por uma prática que se opunha totalmente a esses ideais.

É com base nesse conflito, entre o pensamento liberal e as práticas retrógradas da sociedade patriarcal e escravocrata, que levantaremos neste trabalho questões relativas à representação de um tipo significativo na produção ficcional do autor: as viúvas. Destes romances, destacaremos as personagens Lívia e Fidélia. Lívia é a personagem principal de *Ressurreição,* publicado em 1872, e Fidélia, chamada de viúva Noronha, é representada no último romance, *Memorial de Aires*, publicado em 1908**.**

O presente trabalho é composto de três partes: a princípio, no contexto histórico, faremos um breve comentário acerca da inserção do patriarcalismo no contexto brasileiro e assim esboçaremos como a mulher foi adquirindo espaço numa sociedade formada sob a ideologia patriarcalista. Na sequencia, apresentaremos uma análise acerca da representação da viúva em Machado de Assis a partir da análise de seu primeiro romance, *Ressurreição*, para, por fim, apresentar a ascensão da viúva a partir do século XX pela ótica de *Memorial de Aires*.

Para tanto, na segunda seção, situamos a obra literária de Machado de Assis no contexto do período histórico, político e social de sua produção, considerando de que maneiras o autor representa essas realidades. Em seguida, apresentaremos a situação particular da viúva na obra do autor: na terceira seção, iremos nos ater à análise de *Ressurreição* e, na quarta, voltaremos para *Memorial de Aires*, e, por fim, apresentaremos algumas considerações finais.

Para analisar a posição da viúva nas obras machadianas, trabalhamos com o primeiro e o último romance de Machado de Assis, destacando a importância da personagem tipo, que de acordo com Sérgio Ricardo, são personagens identificados pela profissão, pelo comportamento, pela classe social, enfim, por um traço distintivo comum a todos os indivíduos duma categoria (2010, s/p.), como é o caso destas mulheres que perderam o marido e que tem presença marcante nas obras do autor, mostrando que esta aparece tanto no início quanto no final da produção do autor carioca, a fim de apontar o modo como este explora essa figura ao longo de sua carreira.

Consideramos que algo motivou a marcante presença dessa personagem tipo em Machado de Assis, mas julgamos que o autor quis chamar a atenção do leitor para a postura que as mesmas assumem e, o que mais instiga a atenção, é o fato de lidarmos com personagens que transitaram entre diferentes segmentos sociais e que verdadeiramente

representam o perfil da mulher machadiana, ou seja, mulheres *astutas*, inteligentes e que sabem fazer uso de suas artimanhas para se sobressair em meio a uma sociedade patriarcal.

A razão da escolha destes dois momentos, portanto, é bastante óbvia: a viúva aparece tanto no início da produção de Machado de Assis, quanto no final. Tentaremos apontar como Machado explora essas personagens e como elas se desenvolvem enquanto personagens ao longo de sua trajetória como escritor, ou se guardam características em comum nos momentos inicial e final de sua produção.

Por referencial teórico, partiremos de análises de críticos como Ingrid Stein (1984), a crítica literária estadunidense Helen Caldwell (2002), e de Antonio Candido (2006) e Roberto Schwarz (1987), que realizam importante análise sociológica das obras do escritor.

2. Contexto histórico

Desde o início da história humana, a mulher teve um papel primordial na divisão de tarefas e, no desenvolvimento da humanidade, realizando desde os serviços domésticos até os serviços do campo, e, por fim, os serviços da indústria, ainda que incorporada em posição secundária, à sombra do homem, no universo masculino. Segundo Andrée Michel, do *Centre National de La Recherche Scientifique*, do período paleolítico até a segunda revolução neolítica, a mulher estava numa posição igual ao homem e, pela dificuldade do modo de vida, fazia atividades de coleta do alimento e também participava da caça (MICHEL, 1982, p. 11).

A partir do século XVII, vem se construindo uma ideologia de que a mulher havia nascido para cuidar das atividades domésticas e assim é tratada como inferior ao sexo masculino. Com base nessas idéias de desvalorização da mulher, de que ela nasceu para cumprir o papel de mãe, esposa e dona de casa, a mulher, inserida numa sociedade patriarcal, teve seu espaço limitado aos afazeres domésticos e ao cuidado dos filhos.

A mulher da classe alta tinha seu papel delimitado a procriar para que essas famílias tivessem herdeiros que pudessem dar continuidade aos bens familiares. A mulher, dessa maneira, era também responsável pela divisão de tarefas aos escravos da família, supervisionando os trabalhos da cozinha, a arrumação da casa e os cuidados das escravas com a criança, como explica Ingrid Stein (1984, p. 23).

No que concerne à educação da mulher, é importante ressaltar que a mesma aprendia a ler e a escrever e, algumas vezes, lhes eram ensinadas outras línguas. A educação da mulher era separada da dos homens porque era excluída das discussões acerca de ciência, política e filosofia. Em contraste à educação masculina,

> Toda educação das mulheres deve ser relacionada ao homem. Agradá-los, ser-lhes útil, fazer-se amada e honrada por eles, educá-los quando jovens, cuidá-los quando adultos, aconselhá-los, consolá-los, tornar-lhes a vida útil e agradável – são esses os deveres das mulheres em todos os tempos e o que lhes deve ser ensinado desde a infância. (JEAN JACQUES ROUSSEAU, citado em ALVES e PITANGUY, 1985, p. 35).

As mulheres eram "educadas" e preparadas para o casamento, com direito apenas a ler/escrever e aperfeiçoar seus dotes feminis a fim de agradar ao marido e saber cuidar da família, como se observa, por exemplo, mesmo num importante filósofo iluminista, como Rousseau. Durante grande parte do século XIX, o Brasil passou por períodos de agitação social e econômica, com a luta dos negros pela liberdade e com a formação de uma burguesia nacional.

Os sistemas em voga no Brasil que geraram várias discussões acerca dos acontecimentos que marcaram o século XIX são o escravismo, o patriarcalismo e, menos expressivo, o patriotismo. O escravismo surgiu no século XV quando os portugueses finalmente se livraram das invasões mouras, subvertendo o curso da exploração colonial, com a instalação de colônias na costa da África (HOLANDA, 1977, p. 16). Este sistema concerne na sujeição do homem e na utilização de sua força de trabalho para fins econômicos.

O patriarcalismo é um sistema universal, que está presente nas mais diversas culturas, consistindo na exclusividade do controle masculino sobre a política, a economia e a sociedade, e as mulheres, que raramente tinham voz, e se instalou no Brasil a partir do século XVI, quando a mulher foi banida de atividades, passando a ser considerada inferior ao homem. As dificuldades que o Brasil enfrentava no plano político, social e econômico, contudo, favoreceram a crítica desse modelo, que foi muito bem explorada por Machado de Assis ao reportar temas controversos, como o escravismo, as manifestações antimonarquistas e a modernização do país, e, por fim, as vicissitudes do casamento tradicional, representado por vários de seus personagens, como Felix e Lívia de *Ressurreição*, Bento de *Dom Casmurro*, e Fidélia de *Memorial de Aires*, dentre outros.

Machado de Assis explora o contexto social de sua época em suas obras. De maneira destacada, nota-se uma ampla presença e representação social da mulher, particularmente da viúva e sua posição na sociedade. O Brasil passava por um período de grandes mudanças. A burguesia ganhava espaço desde a chegada da família real (1808) e, com o advento da economia cafeeira no vale do rio Paraíba, o Brasil se tornou o maior produtor do mundo ainda no século XIX. Por questões socioeconômicas e culturais, os casamentos permaneciam sendo arranjados, a fim de satisfazer, por um lado, a necessidade social de permanência da família patriarcal, e, por outro, a fim de restringir a circulação de bens e patrimônio destas mesmas famílias, ou mesmo, a existência de casamentos inoportunos, que unissem pessoas de diferentes origens.

É importante ressaltar que a forte presença da viúva neste período se deve ao fato de que o Brasil acabara de sair de uma guerra com o Paraguai e essa guerra resultou na morte de muitos soldados brasileiros. Ainda, havia nesse período a existência de diversas doenças crônicas, como rubéola, varíola, câncer e tuberculose, que provocavam inúmeras baixas entre os homens do período e, em particular entre os negros, que viviam em pior situação, sendo ainda pouco desenvolvidas as vacinas e os programas de saúde pública.

Considerando o contexto histórico de até então e retomando a idéia de Antônio Candido de que a literatura não é uma cópia da realidade, mas também uma representação sob a ótica do escritor:

> A criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo, às vezes como preâmbulo a uma *praxis* socialmente condicionada. Mas isto só se torna possível graças a uma redução ao gratuito, ao teoricamente incondicionado, que dá ingresso ao mundo da ilusão e se transforma dialeticamente em algo empenhado, na medida em que suscita uma visão de mundo. (CANDIDO, 2006, p. 58)

A partir da escrita de Machado de Assis e como podemos perceber acima, a literatura não será uma fotografia da realidade, ou seja, uma representação fiel, mas será condicionada pelo meio, pelos aspectos externos e também internos, ou seja, dependerá da forma como o autor abstrai as informações repassadas, assim vale lembra que Machador era "influenciado" por este contexto, mas que de acordo com Schwarz,

> O dado ficcional não vem diretamente do real, nem é deste que o sentimento da realidade na ficção depende, embora o pressuponha. Depende de princípios mediadores, geralmente ocultos, que estruturam a obra e graça aos quais se tornam coerentes as duas séries, a real e a fictícia. (1987, p. 133)

Sendo assim, observa-se que literatura não se resume à representação do real, que não podemos considerar que todos os fatos são verídicos, mas considerar antes de tudo que esta é uma representação carregada de princípios mediadores, ou seja, embasada muitas vezes em fatos ocultos, desconhecidos, mas que, ainda assim, apresenta uma conexão plausível entre a realidade e a ficção.

Em sincronia com os acontecimentos em voga que serviam como pano de fundo para a escrita de Machado de Assis, este autor se consagrou por ser o pioneiro ao tratar a temática da mulher em suas obras. Em relação a essa temática, Machado enfatiza bastante a condição das viúvas. Essas personagens ocupam um espaço significativo na sua escrita literária. A partir da abordagem das viúvas, o autor mostra o papel da mulher em diferentes contextos da sociedade brasileira e, particularmente, a carioca, mostrando que, mesmo numa época de tantas transformações, a mulher se encontrava numa posição de inferiorização em relação ao homem.

3. A viúva no romance *Ressurreição*

Ressurreição foi publicado em 1872 pela editora Garnier. Nesse romance, é narrada a história de amor vivida por Félix, médico, jovem e solteiro, e Lívia, jovem viúva, mãe de um menino de cinco anos. Durante o enredo, temos informação de que o primeiro casamento de Lívia fora bastante conturbado. Depois de viúva, Lívia e Felix se apaixonaram e iniciaram um namoro. Estavam apaixonados e decidiram casar, mas Lívia, para isso, devia lidar com a insegurança e a desconfiança do médico. Félix era um homem inseguro, que não confiava em ninguém e que não costumava ter relacionamentos duradouros. Lívia era uma mulher confiante, experiente, que tenta conquistar a confiança de Félix. A viúva não conseguiu a confiança do noivo e rompeu definitivamente o relacionamento, passando a viver isolada da sociedade.

Lívia é uma mulher corajosa, bem situada, de personalidade forte que, quando casada, contrariou o marido ao fazer questionamentos acerca do amor, mas que depois se sentiu culpada por ter perturbado a paz doméstica. A mulher tinha que aceitar sua condição de vida e estar sempre disposta a dar atenção ao marido e tratá-lo bem. “Tinha feito da nossa vida conjugal um deserto; e se a minha alma clamava contra o destino, minha

consciência me acusava de um erro, o erro de haver perturbado a paz doméstica, a troco de um sonho que não veio" (ASSIS, 1998, p. 60).

Mesmo sendo uma mulher corajosa, Lívia estava presa aos preceitos sociais, morais e religiosos que prevaleciam no Brasil daquele momento. Apesar das muitas conquistas no século XIX, a mulher se encontrava numa posição subordinada ao homem, prevalecendo a concepção da mulher como submissa, inferior e alheia às coisas do universo masculino, representado no romance pela figura do esposo falecido, cuja memória ainda impõe submissão e respeito à mulher; pela figura do irmão, Viana, a quem Lívia estava sempre sujeita: "Não podia vir mais a propósito o conselho. Lívia mudara-se para as Laranjeiras. A idéia da mudança era de Viana, que um dia propôs a irmã e fora aprovada por ela." (ASSIS, 1998, p. 58).

O irmão da viúva também exercia forte "domínio" sobre ela, não de forma autoritária, mas na forma de zelador da família, pois tudo que o irmão falava em relação às atitudes da viúva e os "conselhos" eram logo acatados por ela. Lívia aceitava o irmão se intrometendo na sua vida, e depois do relacionamento de Lívia e Felix, a viúva fica mais vulnerável às observações do irmão. Viana frequentemente aparece dando algumas sugestões à Lívia para resolver determinados problemas e esta continuamente adere às observações feitas por ele. Por meio dessa influencia do irmão na vida de Lívia, há de se supor que Machado de Assis está sintetizando a concepção de que Lívia, como mulher e viúva, não sabe agir e resolver problemas e, para isso, deve ouvir os conselhos do irmão, a fim de tomar atitudes ponderadas, afinal, além de ser uma mulher desamparada, Lívia é uma pessoa impulsiva, como o noivo Félix, que age sem pensar nas conseqüências. O autor está ressaltando a ideia da mulher vista como um sexo frágil, que aparece na dependência de uma pessoa do sexo masculino para dizer o que deve e o que não deve fazer. A viúva, por agir de forma "expansiva", era julgada por atitudes não aceitas para uma mulher nessa sociedade, criticando-se desde o seu caráter, comportamento, até sua "falta" de bom senso:

> Nada esclareceu a resposta da moça, porque o portador da carta voltou sem ela. Ao ciúme que o devorava, veio misturar-se o despeito; complicou-se a dor com o orgulho ofendido. Lívia apareceu-lhe com todos os caracteres de uma loureira vulgar, e loureira não traduz bem o pensamento do moço. (ASSIS, 1998, p. 52).

Essa dependência da mulher em relação ao homem é o principal fundamento na sociedade patriarcal. O homem estava sempre determinando o que devia fazer e, se suas atitudes fossem contrárias às regras da sociedade, a mulher passava a ser difamada como

sem pudor, fato que é exemplificado pelas constantes dúvidas de Félix quanto ao caráter de Lívia. Félix, como um homem dominador, não gostava de ser contrariado e as atitudes da viúva eram avaliadas a partir das ideologias da sociedade patriarcal. Félix queria casar com Lívia e viver uma vida a sós, dessa forma, ele não teria seu orgulho ofendido, ou seja, Lívia não agiria como uma mulher caprichosa que socializava com pessoas do sexo masculino e isso não comprometeria a imagem de Félix.

As pessoas do sexo masculino próximas à viúva exercem domínio e influência sobre ela. Além do irmão e do noivo, Lívia ainda é sujeita à figura do filho. O filho e o noivo são mais significativos para a viúva, por isso a estes ela estava sempre disposta a dar atenção e carinho. A dedicar o seu amor a essas duas criaturas, se reduzia toda a felicidade dessa mulher que sabia ocupar o espaço de esposa e de mãe.

Neste sistema patriarcal, a mulher deve viver de acordo com as regras sociais, ter um bom relacionamento com o esposo, zelar pela imagem da família e assim educar e repassar valores morais aos filhos, como podemos perceber a partir das obrigações que Lívia devia cumprir.

Nesse primeiro romance de Machado de Assis, a viúva é a verdadeira representação da mulher sujeita ao sistema patriarcal, está constantemente a serviço de uma pessoa do sexo masculino. Inserida nesse sistema, Lívia aparece a cada instante sob os cuidados e orientação de uma pessoa do sexo masculino. Está sempre à disposição de Felix ou do filho Luís. No momento em que a viúva se desilude com seu relacionamento amoroso, ela abandona o noivo e se isola dos eventos sociais, passando a viver exclusivamente para atender ao filho.

Durante o romance com Félix, o casal vive uma relação conflituosa e Lívia está sujeita a pressões psicológicas, lidando com o ciúme, a arrogância, a desconfiança, a frieza e a insegurança de seu pretendente. Dessa maneira, considerando-se o termo “família”, é possível dizer que Lívia desempenha todos os papéis relativos ao contexto familiar: a posição de esposa, depois a situação de viúva e, por último, mãe.

Portanto, três são os seguimentos em que a personagem está inserida. O primeiro que o autor faz referencia é na situação de esposa que Lívia, quando o marido era vivo, aparece como uma mulher caprichosa que queria que o marido demonstrasse seu amor de forma diferente, por essa diferença na maneira de amar, Lívia e o marido perdem a harmonia que tinham antes. O segundo e o último seguimento estão entrelaçados. Lívia é agora uma mulher com uma imagem a zelar na sociedade: está na situação de viúva, devendo dar explicações de seu comportamento ao segundo pretendente, o noivo ciumento.

Sendo viúva, Lívia também é mãe e vive sua vida em prol do menino Luís. Assim, como já abordamos, passa a idéia de uma mulher indefesa, frágil, incapaz de definir seus próprios caminhos.

Do contexto familiar tradicional da personagem, de pai, mãe e irmão, nada nos é esclarecido acerca da sua relação familiar antes do casamento, mas, para início de análise e considerando a educação das famílias tradicionais burguesas, partiremos do pressuposto de que Lívia era uma moça de uma família tradicional, que teve acesso à educação típica para mulheres e ao aperfeiçoamento dos dotes feminis que estas precisavam para assumir seus futuros papéis domésticos no século XIX.

Por dotes feminis, nos referimos ao significado literal e metafórico da expressão. Esses dotes estão relacionados às prendas que as moças deviam possuir para serem boas esposas, como a beleza, saber costurar, bordar e também conhecer música. Lívia, como mãe, aparece sempre cuidando do filho Luís, zelando pela educação da criança, dando carinho e admirando as peripécias do filho. Como mulher a ser desposada, Lívia é citada (quando Raquel entrega um bilhete a Félix, dentro de um livro) de pé junto ao piano e tirava notas soltas do teclado.

As esposas deviam possuir esses dotes para que pudessem ser sociáveis junto a seus maridos. Esses dotes, em alguns casos, também fazem referência ao valor em dinheiro que o pai assegurava às suas filhas como herança ou ao decidirem casar-se, a fim de lhes garantir a subsistência. Os noivos deviam ser de agrado da família da moça e, no caso de famílias de classe alta, deviam possuir uma carreira para dar continuidade ao nome da família.

Lívia, como membro de uma família tradicional e burguesa recebeu todos os cuidados, educação e proteção que seu pai lhe podia oferecer, depois, teve que dedicar-se ao casamento e constituir família, já que este era o papel social que a mulher devia exercer. Frequentava os lugares que a alta sociedade costumava freqüentar. Depois, na situação de viúva, Lívia passa aos cuidados do irmão e ainda com a obrigação de cuidar da educação do filho Luís e com a carga de zelar pela imagem da família. Nessa situação de viúva, Lívia se afasta dos eventos sociais e passa cumprir seu papel de viúva, que é se isentar e viver na viuvez. Lívia soube isolar-se da sociedade: “Ninguém mais a viu no teatro, na rua, ou em reuniões. Suas visitas são poucas e íntimas. Dos que a conheceram outrora, muitos a esqueceram mais tarde; alguns a desconheceriam agora.” (ASSIS, 1998, p. 103).

Em relação à vida social, alguns hábitos foram introduzidos na rotina das famílias do Rio de Janeiro a partir de 1840, como aborda Ingrid Stein (1984, p. 19). Os salões

passaram a estar presentes na arquitetura das casas e as pessoas se reuniam para conversar, dançar, enfim, surge uma forma de distração, a socialização. A partir daí, o teatro também passou a ser de grande atração e serviam de ponto de encontro para moças, rapazes, namorados, assim fortalece o contato social. Assim, os teatros e as reuniões eram as principais formas de socialização daquela época.

Com a viuvez, Lívia se isolou da sociedade e do contato excessivo com as pessoas. Tal atitude se deu principalmente pelo fato que a viúva devia zelar pela memória do marido e, para cumprir essa responsabilidade, se recata a fim de não expor o nome da família e ser vista como uma mulher desfrutável, fácil. Em relação a esses papéis que Lívia, como viúva, devia cumprir, cabe ressaltar também a forma de se vestir: "O braço esquerdo, atirado molemente no regaço destacava-se pela alvura sobre a cor sombria do vestido." (ASSIS, 1998, p. 32).

No decorrer do romance, é possível perceber que ao falar da viúva e adentrar nos rituais, Machado de Assis a descreve usando véu, faz referência à cor escura, nos relata algumas privações que cumpria quanto ao seu comportamento. Lívia, ao sair de casa, está sempre em companhia de sua "mucama", criada negra, que a acompanhava aos passeios.

Em relação aos temas conduta pública e adultério, a presença da mucama desempenha o papel de proteger a viúva, de vigiá-la e de assegurar sua fidelidade, pois nessa sociedade não convinha a uma mulher andar sozinha pelas ruas, tornando-se alvo de comentários indiscretos. Uma das características de Machado de Assis é reproduzir o tema do adultério que está sempre presente em sua ficção desde o primeiro romance.

Em *Ressurreição* (1872), a viúva é acusada de ter cometido adultério e de maltratar seu primeiro marido, o que leva Félix, seu pretendente, a ter ainda mais suspeitas em relação à personagem, por duvidar de seu caráter. Mesmo com essa acusação, no romance não nos é confirmado o adultério, apenas suposto mal trato por parte da viúva em relação ao seu falecido marido. Ao leitor, fica claro que Lívia era honrada e que os fatos ocorridos no primeiro casamento foram apenas intrigas mal resolvidas.

Apenas há referência a uma mulher questionadora, que se culpa por ter perturbado a paz doméstica. Através do discurso indireto livre Machado de Assis retrata os pensamentos de Félix:

> O amor de Félix era um gosto amargo, travado de dúvidas e suspeitas. Um sorriso, um olhar, um gesto, qualquer coisa bastava para lhe turbar o espírito. O próprio pensamento da moça não escapava às suas suspeitas: se alguma vez lhe descobria no olhar a atonia da reflexão, entrava a

> conjeturar as causas dela, recordava um gesto da véspera, um olhar mal explicado, uma frase obscura e ambígua, e tudo isto se amalgamava no ânimo do pobre namorado, e de tudo isto brotava, autêntica e luminosa, a perfídia da moça. (ASSIS, 1998, p. 50).

Assim, concluímos que Lívia era injustamente acusada de infiel pelo noivo. Félix simboliza o poder da sociedade patriarcal: o médico era um homem ciumento, pré-julgador, que não dava espaço para Lívia se defender das acusações sem fundamento. Age sempre de acordo com suas suspeitas, faz forte pressão psicológica sobre a viúva, que estava diariamente tentando mostrar ao médico sua índole, esforço em vão, pois Félix se autodenominava um homem que não confiava nas pessoas:

> — Sim, perdi muito mais. Abraçar um cadáver, que é isso para quem já abraçou uma serpente? Tu perdeste apenas alguns anos de amor mal compreendido; não perdeste um bem precioso que o tempo me levou: a confiança. Podes hoje ser feliz do mesmo modo que o querias ser então; basta que te ame alguém. Eu não, minha querida Lívia, falta-me a primeira condição da paz interior: eu não creio na sinceridade dos outros. (ASSIS, Ed. 1998, p. 61).

Félix continuamente se reporta à viúva como quem havia enfrentado problemas bem menores que os dele. A partir dessa declaração, supomos que Félix deva ter sofrido alguma decepção e por isso se tornou um homem frio e desconfiado. O médico, quando vai se referir a essa decepção, remete à idéia do jardim do Éden, quando Eva (a mulher), foi enganada pela serpente e deu parte do fruto proibido a Adão (o homem), levando-o ao abismo, demonstrando que acredita na crença popular de que a mulher é um ser enganador e desleal.

Um fator muito influente na permanência do sistema patriarcalista, desde tempos bíblicos, é a sua presença em muitas culturas, reiterando a ideologia da mulher como inferior ao homem. Sua presença é tão marcante que a sociedade não tem “meios” para contrastar a sua força e permanência. Nas palavras de Millet, citadas por Bonnici, “A arma psicológica mais efetiva do patriarcalismo é simplesmente sua universalidade e sua longevidade. Praticamente não existe um referente para lhe fazer contraste ou pelo qual poderia ser rejeitado” (citado em BONNICI, 2007, p. 98). Assim, considerando a condição de Lívia neste romance, há a comprovação de que o patriarcalismo funciona como um sistema que limita a condição da mulher nesta sociedade e a coloca na posição de subordinada e objeto.

Em *Ressurreição*, Machado de Assis descreve uma mulher que passa sua vida tentando agradar aos homens que estão ao seu lado, privando-se de determinadas situações para não ofender aquele que desejava desposar. Nota-se, assim, que o patriarcalismo está impregnado na sociedade e as ideologias desse sistema ganham força por meio de várias vertentes, principalmente a religiosa, que é expressa nas ações e nos comportamento das pessoas e acontece como algo espontâneo, natural.

As viúvas, na maioria das vezes, casavam-se por conveniência, simplesmente para garantir sua inserção social e não terem que se isolar da sociedade. Lívia, ao que percebemos, precisava ter um marido para que não fosse tão mal vista pela sociedade, afinal, como viúva, não convinha a essa mulher frequência em eventos sociais. Mas, apesar de toda a pressão em favor de um novo casamento, Lívia prefere viver sua viuvez a voltar ao mesmo lugar de oprimida. Considerando o final do relacionamento com o médico, Lívia resolve se restringir da vida em sociedade e de escolher outro pretendente, pois prioriza o casamento por amor.

Analisando a postura da viúva, vale ressaltar que, mesmo "livre", ela ainda possuía muita responsabilidade. Era obrigada a portar-se de maneira correta, de acordo com as regras da sociedade e valorizando sempre a imagem e principalmente o nome do falecido marido. Lívia é repreendida por Félix por ter audácia de ter ido à casa de um homem (casa de Félix), pois não cabia a uma mulher visitar um homem solteiro, mas a viúva, mesmo presa a ideologias daquela sociedade, sempre transparecia resquícios de autonomia e assim está mais preocupada em se explicar para Félix do que com sua própria imagem perante a sociedade,:

> — Não esperava a minha visita? Disse ela com tranqüilidade.
> — Confesso que não.
> — Devia esperar, porque eu não havia respondido à sua carta, e alguma coisa cumpria que lhe dissesse.
> — Não receou que os olhos da sociedade... disse ele.
> — A sociedade está tomando chá, atalhou a viúva procurando sorrir. Era preciso que eu viesse e vim. (ASSIS, 1998, p. 53)

Ao falar que a viúva é "livre", é importante ressaltar que o uso dessa expressão serve para se referir à exigência da sociedade para com o ato de casar-se. A viúva é livre pelo fato de já ter "cumprido" seu papel social, não significa que poderá passar a agir de acordo com suas vontades. No século XIX, a mulher tinha seu papel controlado pelo pai e pelo marido e, mesmo depois de viúva, depois de haver conseguido sua independência

financeira, no caso das mulheres abastadas, devia manter sempre uma conduta respeitável para que pudesse participar dos eventos sociais e manter a posição de destaque na sociedade, zelando por sua moral.

No decorrer do enredo de *Ressurreição*, a característica de Lívia que é mais ressaltada é a sua espontaneidade e seu gosto pela vida social. Lívia sempre teve facilidade em relacionar-se bem e por esse comportamento espontâneo a viúva é difamada pela sociedade e ainda acusada de adúltera. Por sua sociabilidade, Lívia foi pressionada por Félix, o homem com quem iria se casar, depois que surgiram suspeitas acerca de sua relação com o falecido marido, em que a acusavam de ter cometido o adultério e de ser vingativa.

Mesmo com toda experiência de um primeiro casamento, e ter ficado livre deste encargo imposto à mulher, Lívia quis entrar em um novo relacionamento em que, desta vez, o seu pretendente tivesse sido a pessoa escolhida por ela. É importante ressaltar que esse romance faz parte da primeira fase de Machado de Assis, classificada como de influência romântica. Aqui ainda nos deparamos com mulheres sonhadoras e que veem no casamento a solução para suas vidas. Além desse sentimento que impulsionava a viúva a entrar novamente no casamento, chega-se à conclusão de que outro motivo a impulsionava: a educação do filho Luís. Depois de viúva, Lívia era a responsável pelo futuro do filho e, influenciada pela moral da sociedade, Lívia queria criar seu filho sob a guarda de uma figura masculina que representasse o papel de pai. Isso pode ser visto na atitude de Félix:

> Quando chegaram às Laranjeiras, acharam Félix na sala, conversando infantilmente com o filho de Lívia, que lhe pedia explicação no mecanismo do relógio. Félix aplicava todos os recursos da imaginação para satisfazer a curiosidade do menino. (ASSIS, 1998, p. 86).

Por trás dessa resolução, se esconde a concepção de que uma mulher não seria capaz de criar sozinha os filhos, necessitando sempre do apoio de um homem para as atribuições específicas, dita masculinas.

4. A ascensão da viúva em *Memorial de Aires*

Em *Memorial de Aires*, último romance de Machado de Assis, publicado em 1908, já percebemos a ascensão social e psicológica da viúva quando comparamos com o papel que a viúva representa no primeiro romance. O último romance é o que mais se distancia do estilo realista de Machado de Assis. Em um tom melancólico, romantizado, o autor apresenta personagens que demonstram pureza, bondade, aspectos representados no romance mais paulatinamente pela figura de D. Carmo, uma boa senhora que sabe agradar a todos.

Retomando as considerações de Antônio Candido (2006), e de Roberto Schwarz (1987), há de se considerar que existem fatores desconhecidos que influenciaram a escrita de Machado de Assis e com isso, suas obras não são estáticas, mas apresentam diferenças singulares entre uma e outra que justificam a ascensão das personagens.

Fidélia Noronha é a representação típica da mulher independente, que conquistou *status* e renome e que, portanto, tem mais liberdade naquela sociedade. Fidélia faz parte da classe alta, filha do Barão de Santa Pia e sobrinha do desembargador Campos, é uma viúva que tem uma liberdade maior no que concerne ao seu modo de viver em sociedade.

Fidélia, mesmo na condição de viúva e não estando subordinada a ninguém, não participa com freqüência da vida social, talvez como forma de recato que a própria prefere não confessar. Ela aparece como uma mulher retraída que preferia lugares discretos como forma de zelar pela imagem, participa mais de reuniões familiares para conversar. Assim, sua diversão se restringe a jogar cartas, apreciar música e tocar piano.

Machado de Assis cria uma personagem que sentia a morte do marido e que, muitas vezes, aparentava uma fisionomia triste. A viúva, assim, só passará a enfrentar os ambientes sociais depois de casada com Tristão, seu segundo marido. É importante enfatizar que o papel cabível a mulher na situação de viúva era que se afastasse dos eventos sociais e se recolhesse no lar.

Fidélia Noronha era uma viúva de renome que havia casado com um homem de uma família influente na sociedade, a mesma herdou do falecido marido um nome que lhe garantia posição social e, do pai, todos os bens da família. Portanto, não necessitava de outro casamento para ter espaço na sociedade ou para garantir melhores condições financeiras.

De acordo com a posição de *status* que o nome de Fidélia representa, Machado de Assis quer enfatizar com isso que a sociedade julga as pessoas a partir da posição social e política que a pessoa está inserida e também a ideia de que a mulher se projeta a partir da figura do marido.

Fidélia, desde o início, surge como uma mulher autônoma, que não queria se submeter ao homem, nesse sentido, mesmo antes de viúva, ela é a representação da mulher moderna que rompe com as regras da sociedade patriarcalista e se casa com um homem ao seu gosto, um homem que não era escolhido e aceito pelo pai. O noivo de Fidélia também rompe com as regras da sociedade patriarcal, pois seus pais eram inimigos políticos e ambos não aceitavam a união dos filhos[3] (Caldwell, 2002): "A particularidade da biografia de Fidélia é que o pai e o sogro eram inimigos políticos, chefes de partido na Paraíba do Sul. Inimizade de famílias não tem impedido que moços se amem, mas é preciso ir a Verona ou alhures." (ASSIS, 2000, p. 19).

A mulher, quando se posicionava contra com o sistema, ficava numa posição de rejeitada pelos demais, principalmente pela família. No romance, Fidélia foi excluída do contexto familiar por se chocar contra os preceitos patriarcais e teve que lidar com o desprezo do pai, somente no momento da morte é que o pai resolve se reconciliar com a filha.

No que concerne à ascensão da viúva ao longo das obras machadianas, nos deparamos com Fidélia, uma moça que, quando solteira, morava com os pais, tinha atitude e coragem para ir contra aquele modelo tradicional e, depois da morte do marido, continuou usando seu jeito independente para decidir o próprio destino. Esta ia às ruas e tinha uma autonomia maior comparada à Lívia, afinal, mesmo depois dessa nova situação civil e tendo seu tio vivo, não está submissa a agir de forma a agradá-lo.

Em relação à liberdade que Fidélia usufruía, ela está ligada justamente a "espaços" que as mulheres começavam a conquistar. A mulher que era escravizada psicologicamente, no sentido de serem pressionadas pelas ideologias do sistema patriarcal, também encontra maneiras de ter uma liberdade maior no que concerne a sua inserção social. Para isso, nesse romance a personagem acaba se casando, ou seja, é reintegrada ao sistema patriarcalista.

Fidélia representa um grau de liberdade um pouco maior em relação à Lívia e tem uma vantagem considerável, pois esta viúva não tem filhos para ter de ocupar-se com sua educação e está inserida num contexto histórico que lhe proporciona maiores condições. Além disso, uma das diferenças entre Fidélia e Lívia é que Fidélia demonstra ter tido uma relação muito boa com o falecido marido, enquanto que Lívia aparece como uma mulher frustrada, que se culpou por ter feito questionamentos acerca do amor, quando casada com

[3] Segundo Helen Caldwell, Machado de Assis se aproveita de temas shakesperianos em sua obra. A inimizade das famílias de Fidélia e Eduardo se assemelhava a história de *Romeu e Julieta*.

o falecido marido, o que influenciou bastante para que o casal entrasse em desentendimento. Outro ponto importante é que Fidélia parece ter se casado já da primeira vez por amor. Um novo casamento põe em jogo para ela a fidelidade não a uma memória que obrigatoriamente deve ser cultuada (típica das viúvas que se casaram por imposição social), mas a um sentimento verdadeiro, romântico (capaz inclusive de desafiar a imposição patriarcal).

Fidélia faz questão de expor aos demais a sua situação civil, pois na posição de viúva, Fidélia cumpre, de acordo com Machado de Assis, o seu meio-luto: “Fidélia não deixou inteiramente o luto; trazia às orelhas dois corais, e o medalhão com o retrato do marido, ao peito, era de ouro. O mais do vestido e adorno escuro.” (ASSIS, 2000, p. 22).

Fidélia era uma mulher recatada, que evitou o hábito de freqüentar os eventos sociais e se contentava com boas conversas entre amigos, a viúva apresentava grande consideração pelo falecido marido e fazia questão de mostrar o seu luto através de suas atitudes e das roupas e enfeites que usava. Sempre que se lembra de seu relacionamento com o marido, parece ter boas recordações e cita ainda que se tivesse de escolher outra vez entre o marido e o pai, escolheria ao marido. Os laços se tornaram eternos e Fidélia andava com a foto do marido ao peito, com roupas que o narrador assim apresentou: “Achei-a na sala com o seu vestido preto do costume e enfeites brancos...” (ASSIS, 2000, p. 43). O luto era vivido pela viúva, sendo a cor escura de suas roupas relacionada ao seu estado de espírito, como se a roupa contribuísse ainda mais para a tristeza da viúva. Fidélia chega a se casar com Tristão, com roupas escuras.

A independência da viúva se comprova também com o romance entre Tristão e Fidélia. A ascensão da viúva, neste caso, está relacionada à postura de independência frente aos seus relacionamentos, pois, enquanto Lívia dependia do consentimento da família para ter um compromisso, Fidélia escolhe seus pretendentes e não espera pela aprovação dos demais. A viúva estava numa situação socioeconômica mais elevada que seu pretendente, o que passa a ser muito observado pela sociedade, em que acusavam Tristão de estar interessado na riqueza da viúva, enfatizando que não só as mulheres, mas também os homens, muitas vezes se beneficiavam do casamento para ascender na escala social.

A ascensão do papel da viúva na sociedade fica visível quando Machado de Assis apresenta Fidélia na frente de tarefas e atividades que durante muito tempo só eram permitidas aos homens, quando Fidélia, por exemplo, com a morte do pai, passa a resolver assuntos da fazenda.

Assim sendo, Machado de Assis está representando uma mulher capaz de cumprir uma série de funções tidas como masculinas. As viúvas, à frente dessas atividades, exercem essas funções com muita eficiência. Basta citarmos o exemplo da mãe de Bentinho, personagem de *Dom Casmurro,* também viúva e que, após a morte do marido, criou o filho e administrou os bens da família com muita competência.

Em *Memorial de Aires,* nos deparamos com a postura da viúva, uma mulher que estava sempre priorizando seus objetivos e seu bem estar. Fidélia, em relação à Lívia, soube lidar de forma mais significativa com seus sentimentos e desejos. Machado de Assis traduz uma viúva que quando foi pedida em casamento, por Tristão, cedeu a própria mão, quer dizer, essa viúva era responsável por si mesma, independente, não aceitava que ninguém interferisse nos seus planos e determinasse suas atitudes.

5. Considerações finais

Durante a segunda metade o século XIX, com a emergência de uma burguesia, a mulher teve que adaptar-se aos novos estilos de vida, se adequando para agir de acordo com os valores dessa nova classe que valorizava as relações familiares e demarcava a posição da mulher. Como na família patriarcal o pai detinha o poder, os membros da família estavam subordinados a ele e seus agregados e escravos com suas famílias também assim estavam.

Em sincronia com os valores desta sociedade, Machado de Assis nos apresenta duas viúvas que, mesmo sendo de períodos tão distantes apresentam algumas similaridades, ambas sabem aproveitar a liberdade conquistada, mas aqui o que chama atenção são as diferenças. Enquanto Lívia era uma mulher mais presa às regras patriarcais, Fidélia tem ainda mais liberdade e se caracteriza como uma mulher a frente de seu tempo, justamente pelas atitudes de autonomia perante as demais pessoas.

Analisando estas duas obras de Machado de Assis, percebemos que à mulher cabia ser sociável e dispor de uma boa imagem perante a sociedade e, assim, o autor retrata em suas obras personagens femininas que sabem lidar com as situações e obrigações sociais de forma marcante. Elas agem à margem do sistema patriarcal, manipulam os homens e isso já é muito importante para conquistar espaço, possível para o período em que estavam inseridas. São astutas e conquistam o necessário para sobreviver em meio a

esse sistema, visto que para elas não havia muitas oportunidades de ascender, pois nessa época as mulheres sequer trabalhavam ou tinham espaço na política, então a única porta para conseguir ascensão é através do espaço dado pelo marido, como vimos através das atitudes da viúva Fidélia que não aceitava ser mandada ou subordinada a ninguém, já que essa personagem, como as personagens machadianas, é astuta e consegue manipular os homens ao seu redor, não lhes enfrentando, mas os conquistando.

Inseridas nesta sociedade escravista e patriarcal, as mulheres têm seu espaço delimitado aos assuntos familiares, porém, as machadianas se destacam por serem mulheres questionadoras e que não estão dispostas a aceitar essas limitações. Da mesma maneira que na sociedade escravista, a mulher está sujeita a um senhor e a este deve respeito e obediência, a mulher machadiana reage contra este sistema, não de forma brusca, mas com muitas artimanhas, sobrevive com inteligência, sem confrontar diretamente o modelo, mas tirando proveito de suas brechas e possibilidades, de modo que o casamento se coloca como laço que nutre a coesão social, não raro, implicando influência e poder.

A sociedade escravista também estava pautada no poder do patriarca, ao qual também a mulher estava sujeita. Com a chegada da família real, no início do século XIX, finalmente surge uma burguesia, com o desenvolvimento do comércio e da economia cafeeira. A grande influência da Inglaterra exercida sobre esta burguesia faz surgir a necessidade de que a economia do país abandone o escravismo, libertando os escravos para que possam ser incorporados ao mercado de consumo, por meio do trabalho assalariado. Dessa forma, os escravos começam a ser libertos antes mesmo da abolição, como se percebe no romance *Memorial de Aires.* Deve ser notado que aqui também, a viúva, no caso Fidélia, se incorpora neste cenário político, ao assumir o controle das fazendas de seu pai, após sua morte, mantendo uma relação escravista que já vigorava antes.

Com essas preocupações em voga, a mulher começou também a conquistar seu espaço e a impor suas aspirações. A partir de 1889, após a Abolição dos escravos, as mulheres ganham mais espaço e agora tem liberdade maior no que concerne ao seu papel na sociedade, como por exemplo, assumindo o controle de negócios e finanças, tarefas que eram consideradas para pessoas do sexo masculino, ao invés de limitarem-se ao domínio das coisas domésticas.

No romance *Memorial de Aires* o escravismo serve como pano de fundo para ressaltar a idéia da mulher que queria ter liberdade e que tinha autonomia para isso, mas que se via presa aos preceitos sociais. Representa a situação de vida dos nobres que possuíam dinheiro e que tinham seus escravos à disposição para fazer o trabalho pesado.

Sendo assim, nas obras do Machado de Assis, nos deparamos com mulheres escravizadas, não no sentindo de fazer trabalho pesado, mas no sentido de serem sufocadas pelas regras sociais. Para o trabalho pesado existia o escravo, que estava sempre pronto a servir seu senhor. Por isso, essas mulheres deviam fazer uso de suas artimanhas para sobreviverem e irem aos poucos conquistando espaço numa sociedade marcada pelos princípios patriarcais, que limitavam as mulheres em várias esferas. Esse cenário se alterou profundamente desde a publicação da primeira obra de Machado, com a chegada de importantes escritoras à Academia Brasileira de Letras e à Presidência da República. Isto não significa, porém, que relações e casamentos como os que inspiraram a *poiesis* do autor não persistam no cotidiano de milhares de mulheres brasileiras.

6. Referências Bibliográficas

ALVES e PITANGUY, Bianca Moreira e Jacqueline . **O que é feminismo.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

ASSIS, Machado de. **Ressurreição**. São Paulo: Ática, 1998.

ASSIS, Machado de. **Memorial de Aires**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências**. Maringá : Eduem, 2007.

CALDWELL, Helen. **O Otelo brasileiro de Machado de Assis:** um estudo de Dom Casmurro; tradução de Fábio Fonseca de Melo. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade:** estudos de teoria e história literária. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Prefácio de Antonio Candido. 11 ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1977.

MICHEL, Andrée. **O feminismo** uma abordagem histórica. Tradução de Angela Loureiro de Souza. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

STEIN, Ingrid. **Figuras Femininas em Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

SCHWARZ, Roberto. Pressupostos salvo engano, em Dialética da malandragem. In: **Que horas são?** São Paulo: Companhia da Letras, 1987. p.129-156.

SÉRGIO, Ricardo. **A personagem Narrativa** - Estudos Literários *In Recanto das Letras*, 2010. (http://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/420168). Acesso em: Acesso em 12/10/2012.